

TCC/UNICAMP
F469c
IE/970

B. Figueiredo Filho



1290000970



TCC/UNICAMP F469c

" CARACTERIZAÇÃO DO SETOR EXPORTADOR
DE CARNE BOVINA BRASILEIRA "

Monografia apresentada com exigência parcial para obtenção do grau de Ciências Econômicas do Instituto de Economia - Universidade Estadual de Campinas.

Campinas,
1989

AGRADECIMENTOS

A elaboração desta monografia só foi possível porque pude contar com a orientação do professor RINALDO B. FONSECA, e a ele deixo aqui registrado meus sinceros agradecimentos. Queria também, registrar aqui, os meus agradecimentos ao professor PEDRO RAMOS.

Í N D I C E

INTRODUÇÃO	01
1.0 - PRESENÇA DO BRASIL NO MERCADO MUNDIAL DE CARNE BOVINA	02
1.1 - Caracterização do Mercado Mundial de Carne Bovina	02
1.2 - Surgimento do Brasil no Mercado Mundial	02
2.0 - DESTINO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS	05
2.1 - Principais concorrentes do Brasil	05
3.0 - PROTECIONISMO	07
3.1 - Protecionismo nos Estados Unidos	07
3.2 - Protecionismo na Comunidade Econômica Européia (CEE)	08
4.0 - ESTIMATIVA DA INDÚSTRIA	10
4.1 - Breve Histórico	10
4.2 - Panorama do Setor de Carnes Frigorificadas	11
CONCLUSÃO	14
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	15

Este trabalho visa dar um panorama geral do Brasil enquanto exportador mundial de carne bovina, no período de 1975 a 1985.

Para isso, dividimos o trabalho em quatro itens. No primeiro abordaremos a presença do Brasil no mercado mundial de carne bovina, caracterizando esse mercado.

No segundo item, enfocaremos o destino das exportações brasileiras de carne bovina, a concorrência dos países industrializados e a conquista de novos mercados.

No terceiro item, falaremos sobre as políticas protecionistas impostas pelos países desenvolvidos para protegerem seus setores agrícolas, principalmente os Estados Unidos e CEE que juntos são os maiores compradores de carne bovina brasileira.

Por sua vez, no quarto item faremos uma estimativa das empresas que atuam neste setor.

Outra preocupação deste trabalho, que estará presente em todos os itens, é o processo de adaptação do Brasil à conjuntura mundial. Após o choque do petróleo em 1973, o país precisou se adequar às dificuldades colocadas pela situação internacional para honrar seus compromissos externos e continuar crescendo.

A saída foi o mercado externo, o país fez um grande esforço exportador que vem até os dias de hoje. Diversificou-se a pauta de exportações, produtos que antes não tinham grande expressividade passaram a ter. São os chamados produtos agrícolas não tradicionais: soja, suco de laranja concentrado ou congelado, carne bovina, carne de frango, etc..

Além disso, foram criados mecanismos tais como: redução de impostos, financiamentos facilitados, etc.; para que as empresas exportassem mais.

1.0 - PRESENÇA DO BRASIL NO MERCADO MUNDIAL

1.1 - CARACTERIZAÇÃO DO MERCADO MUNDIAL DE CARNE BOVINA

O mercado mundial de carne bovina se caracteriza por uma certa vulnerabilidade devido:

- Ao elevado valor do produto;
- A concorrência de outras carnes mais baratas (frangos e suínos).

Outra característica desse mercado é a rigidez da quantidade comercializada: 3,3 a 3,6 milhões de toneladas anuais durante o período 1975 a 1984, excluído o comércio intra CEE.

Mais um fato a ressaltar é que depois do choque do petróleo em 1973, os países desenvolvidos passam a adotar políticas protecionistas para contrabalançar os efeitos negativos do preço do petróleo em seus balanços de pagamento. Paralelamente, procuram desenvolver seus setores agrícolas muitas vezes atingindo a autosuficiência, e passando de importadores a exportadores.

Dadas as características do mercado mundial descritas acima, a concorrência entre os países exportadores é muito grande e só os que tenham condições de produzir a um baixo custo e com boa qualidade é que se mantém no mercado mundial . É preciso também conquistar novos países compradores.

O Brasil é um desses países, pois seus custos de produção são baixos, devido ao sistema de criação que é extensivo. Esse sistema permite reduzir custos com instalações e rações o que resulta em preços mais baixos a nível internacional. Como contapartida temos que nesse tipo de criação a produtividade é reduzida. Podemos ver que apesar do rebanho brasileiro ser um dos maiores do mundo, a taxa de abate é pequena e o rendimento também é baixo, em comparação com outros países (vide tabela 1 a seguir).

1.2 - SURGIMENTO DO BRASIL NO MERCADO MUNDIAL

A nível mundial, no começo da década de 70, existia um consumo elevado combinado com uma insuficiência da produção.

Os produtores incentivados com a situação aumentam a produção e a oferta de

carne bovina, só que este aumento coincidiu com um período de retração das atividades dos principais países consumidores e com um aumento da inflação mundial. A consequência disso foi uma forte retração do consumo e uma queda do preço a nível internacional.

Outros dois fatos contribuíram para a crise mundial neste setor a saber: queda das importações americana do produto (de 900 mil toneladas em 1973 para 730 mil toneladas em 1974), mesmo assim os Estados Unidos eram os responsáveis pela manutenção do comércio mundial (1,8 milhões de toneladas em 1973 para 900 mil toneladas em 1974); o segundo fato foi a passagem da CEE de importadora para exportadora.

Nesta época o peso do Brasil no mercado mundial era muito pequeno (80 mil toneladas em 1975) e, portanto, o país não tinha condições de competir com Austrália, Argentina, Nova Zelândia, Uruguai que na época eram os maiores exportadores mundiais de carne bovina.

A situação mundial (preços baixos e elevados estoques) iria durar até o final da década de 70. Ao longo dessa época (a partir de 1975), o Brasil aumenta ano a ano suas exportações de carne bovina. Essa tendência é interrompida em 1978 e 1979, quando o país passa de exportador para importador, devido ao aumento do consumo (o consumo de carne bovina vinha crescendo a mais ou menos 1% ao ano desde 1970); e a impossibilidade de aumentar a oferta a nível interno.

O Segundo choque do petróleo (1979) causa um aumento dos juros internacionais, causando dificuldades a nível externo e interno. A nível interno houve um aumento da inflação e retração da atividade econômica. Isso causou uma queda no consumo interno de carne bovina ao mesmo tempo em que se fazia um esforço par aumentar a produção. Este fato contribuiu para que o país voltasse a exportar carne bovina. Em 1980 o Brasil arrecadou US\$ 232,6 milhões, 83,4% superior ao arrecado em 1979.

Apesar do contexto mundial pouco favorável do início da década de 80 (estagnação do comércio mundial de carne bovina, preços internacionais baixos, desemprego nos países desenvolvidos e, aumento da inflação a nível mundial), o Brasil (entre 1980 e 1983) foi aumentando a sua participação no mercado mundial de carne bovina. A partir de 1983, o Brasil já era um dos principais exportadores mundiais de carne bovina, perdendo somente para Austrália e CEE; desbancando Argentina e Nova Zelândia (vide tabela 2). No caso da Argentina, o Brasil her

deu seus mercados depois que esta perdeu a Guerra das Malvinas, mais especificamente a Inglaterra e, recentemente, o Egito e a União Soviética.

Esse aumento da participação do Brasil no mercado mundial, se deve a uma conjunção de determinados fatos: forte desvalorização do cruzeiro frente ao dólar, incentivos a exportação e facilidades de financiamentos para atividades voltadas para exportação e finalmente ao baixo preço da carne bovina nacional.

De 1983 a 1985 o Brasil aumentou ano a ano suas exportações de carne bovina. Em 1984 o Brasil exportou 256.286 toneladas contra 249.160 toneladas exportadas em 1983. Em 1985 o país exportou 269.437 toneladas, notando-se, portanto, que os aumentos foram pequenos.

TABELA 1

PRODUTORES DE CARNE BOVINA (1985)

	REBANHO (1.000 cabeças)	ABATE ANUAL (1.000 cabeças)	TAXA DE ABATE (%)	PESO DA CARÇAÇA (média-Kg)	RENDIMENTO DO REBANHO (Kg / cabeça)
E.U.A.	109.801	39.832	36,3%	275	99,8
C.E.E.	78.767	30.024	38,1%	240	91,3
U.R.S.S.	121.055	40.900	33,8%	183	61,8
AUSTRÁLIA	23.026	6.600	28,7%	192	55,0
ARGENTINA	54.600	13.500	24,7%	200	49,5
BRASIL	134.500	11.085	8,2%	207	17,0

FONTE : FAO

TABELA 2

PRINCIPAIS PAÍSES EXPORTADORES DE CARNE BOVINA ENTRE 1982-1985 (EM MIL TONELADAS)

PAÍSES	1982	1983	1984	1985
C.E.E.	416	484	727	799
AUSTRÁLIA	492	762	616	660
BRASIL	398	500	510	510
NOVA ZELÂNDIA	366	372	288	356
ARGENTINA	522	415	250	220
E.U.A.	115	125	152	158
CANADÁ	82	83	105	113
URUGUAI	169	225	131	110

X ESTIMATIVA

FONTE : FAO

2.0 - DESTINO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

Os países exportadores tiveram que se adaptar às exigências do mercado mundial, desenvolvendo seus setores agrícolas exportadores para enfrentarem as barreiras protecionistas, as rigorosas normas de higiene dos países desenvolvidos, e a competição de outros países exportadores.

O Brasil adaptou-se a nova conjuntura mundial diversificando os produtos exportadores, desenvolvendo um parque industrial moderno, capaz de atender as exigências do mercado mundial, além de atuar mais agressivamente no mercado mundial, conquistando novos mercados, principalmente Oriente Médio.

Na década de 70, o Brasil exportava carne bovina, principalmente para os Estados Unidos e a CEE (eram os maiores importadores de carne bovina industrializada) e também para vários outros países, inclusive para o Oriente Médio, mas a quantidade de era muito pequena.

Pelas tabelas 3 e 4 a seguir, podemos notar que a carne industrializada tinha mais aceitação do que a carne "in natura". Ainda por essas tabelas podemos ver que a partir da década de 80, o Brasil fecha grandes acordos para a exportação de carne bovina para vários países do Oriente Médio, mas não se descuidou dos seus mercados tradicionais, prova disso é o aumento das exportações globais de carne bovina em 1985.

As exportações brasileiras de carne bovina eram compostas em sua maioria pelo produto industrializado. Com o aumento das exportações para o Oriente Médio (importador de carne "in natura"), a relação entre carne industrializada e "in natura" (fresca, refrigerada ou congelada) se equilibrou ao longo da década de 80.

Em 1985, a carne industrializada foi responsável por 48,6% (tonelagem) e 51,5% (receita). Pela tabela 5 podemos ver a evolução das exportações de carne "in natura" e industrializada entre 1975 e 1985.

2.1 - PRINCIPAIS CONCORRENTES DO BRASIL

Austrália, CEE e Argentina são os principais concorrentes do Brasil no mercado

mundial de carne bovina.

O Brasil aumentou sua participação no mercado mundial de 3,8% (média entre 1975-1979) para 10,5% em 1983 e para 11,1% em 1985.

Austrália e Argentina, no mesmo período, tiveram uma queda na participação no mercado mundial, de respectivamente 23,8% e 13,7% (entre 1975 e 1979)para 15,2% e 8,8% em 1983, e para 14,4% e 5,4% em 1985. Essa situação se deve a uma longa estiagem que atingiu a Austrália, reduzindo seus rebanhos e a sua produção. No caso da Argentina, a sua queda na participação no mercado mundial foi devido a Guerra das Malvinas.

No caso da CEE, a autosuficiência faz com que esta passe a disputar mercados com os países exportadores tradicionais, além de fazer pressão negativa nos preços internacionais devido aos seus elevados estoques do produto. Como consequência da sua política agrícola, os preços internos da carne bovina são altos e as exportações só são possíveis graças aos elevados subsídios concedidos aos exportadores.

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE BOVINA, FRESCA, REFRIGERADA, CONGELADA SEM OSSO OU DESOSSADA EM 1975, 1980 E 1985 (OS 10 MAIORES IMPORTADORES EM 1985)

PAÍSES	1975		1980		1985	
	QUANTIDADE (KG)	VALOR (US\$ FOB)	QUANTIDADE (KG)	VALOR (US\$ FOB)	QUANTIDADE (KG)	VALOR (US\$ FOB)
CEB:	3.198.744	5.402.491	1.520.982	5.309.891	44.994.071	83.334.773
Alemanha Ocidental	1.217.525	2.568.359	482.564	1.924.565	11.296.145	24.252.390
Franga	71.355	106.951	123.000	351.845	2.328.094	3.267.391
Itália	1.431.383	1.972.156	460.000	1.440.625	9.343.188	17.003.284
Países Baixos	387.971	584.148	333.410	1.248.403	8.442.100	17.167.521
Reino Unido	90.510	170.877	122.008	344.453	13.484.544	21.614.187
Oriente Médio	1.772.768	2.359.778	3.100.000	8.098.000	69.055.278	131.245.978
Arábia Saudita	-	-	-	-	5.505.222	9.992.855
Egito	-	-	-	-	2.970.027	3.367.218
Israel	1.772.768	2.359.778	3.100.000	8.098.000	9.395.956	13.218.482
Irã	-	-	-	-	51.184.073	104.667.423
Outros	-	-	53.280	148.645	7.971.108	14.567.932
Hong Kong	-	-	53.280	148.645	7.971.108	14.567.932
Total geral das exportações de carne bovina brasileira	5.333.290	8.530.328	5.725.622	18.399.006	139.466.819	261.967.381
Total geral dos 10 maiores compradores	4.971.512	7.762.269	4.674.262	13.556.536	121.920.457	229.148.683
% dos dez maiores sobre o total geral	93,2	90,6	81,6	73,9	87,05	87,7

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE BOVINA INDUSTRIALIZADA EM 1975, 1980 e 1985 (OS DEZ MAIORES IMPORTADORES EM 1985)

PAÍSES	1975		1980		1985	
	QUANTIDADE (KG)	VALOR (US\$)	QUANTIDADE (KG)	VALOR (US\$)	QUANTIDADE (KG)	VALOR (US\$)
CEE	14.295.923	23.922.531	16.514.425	49.214.510	58.218.203	108.822.373
Países Baixos	1.852.916	2.845.663	1.700.850	4.916.837	3.227.850	5.522.382
Reino Unido	12.443.007	21.076.868	14.813.575	44.297.673	54.990.353	103.299.991
Oriente Médio	977.981	1.715.225	3.542.639	9.551.995	8.113.537	19.324.674
Arabia Saudita	72.221	106.505	1.054.380	3.050.920	2.020.716	3.839.706
Egito	824.160	1.420.820	1.753.859	4.323.075	1.668.327	3.036.715
Iraque	81.600	187.900	734.400	2.178.000	4.424.494	8.259.203
Síria	-	-	-	-	2.366.400	4.189.050
EUA	11.202.752	18.448.393	22.907.698	76.219.334	29.740.887	61.103.870
EUA	9.456.104	15.446.063	18.782.498	62.436.892	25.161.854	51.971.609
Porto Rico	1.746.648	3.002.330	4.125.200	13.782.442	4.579.033	9.133.261
Outros	3.818.651	6.201.286	1.938.592	6.018.371	5.752.245	11.005.597
Canadá	1.953.894	3.296.250	1.520.828	4.798.290	3.620.046	6.779.130
Jamaica	1.864.757	2.905.036	417.764	1.229.081	2.312.199	4.226.467
Total geral das exportações de carne bovina brasileira	35.623.016	59.037.295	54.021.160	168.582.664	112.597.868	215.842.711
Total geral dos dez maiores compradores	30.295.307	50.287.435	44.903.354	141.000.000	101.824.872	205.347.924
% dos dez maiores sobre o total geral	85,04	85,1	83,1	83,9	90,1	95,3

TABELA 5-A

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE BOVINA, EM VALOR (U\$\$ 1.000) E QUANTIDADE
(TONELADAS)

INDUSTRIALIZADA

ANO	VALOR	QUANTIDADE
1975	70.548	42.173
1976	113.609	64.033
1977	118.826	68.179
1978	97.465	53.469
1979	126.860	45.778
1980	232.564	72.266
1981	293.725	98.108
1982	250.493	102.713
1983	306.338	128.863
1984	306.717	141.190
1985	260.335	129.399

FONTE : SÉRIES ESTATÍSTICAS - COMÉRCIO EXTERIOR (CACEX)

TABELA 5 - B

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE BOVINA, EM VALOR (U\$\$ 1.000) E QUANTIDADE
(TONELADAS)

ANO	IN NATURA	
	VALOR	QUANTIDADE
1975	8.530	5.333
1976	16.022	11.544
1977	39.561	31.246
1978	17.155	9.612
1979	8.041	2.659
1980	18.339	5.726
1981	894.483	46.339
1982	188.287	94.441
1983	210.318	120.297
1984	213.910	115.096
1985	262.683	140.038

FONTE : SÉRIES ESTATÍSTICAS - COMÉRCIO EXTERIOR (CACEX)

3.0 - PROTECIONISMO

Atualmente o comércio mundial está sujeito a várias imperfeições, tais como: tarifas, normas e regulamentos, barreiras não tarifárias, que vem dificultar o comércio entre as nações.

Enquanto os países em desenvolvimento restringem o comércio com outras nações como meio de equilibrar suas contas externas e proteger sua indústria; os países industrializados adotam políticas protecionistas para protegerem indústrias antigas e pouco competitivas e para garantir um determinado preço mínimo aos produtos agropecuários produzidos internamente.

Estados Unidos e CEE são os que apresentam o maior número de restrições e são também os maiores compradores de carne bovina brasileira, além disso têm um grande peso no mercado mundial. Para relatar esse quadro, faremos uma breve exploração do perfil protecionista de ambos.

3.1 - PROTECIONISMO NOS ESTADOS UNIDOS

Os Estados Unidos sempre tiveram uma política protecionista atuante, mas com momentos mais fortes e outros menos. Depois do "Reciprocal Trade Agreement Act" (lei de convênio bilaterais) aprovado em 1934, há uma tendência a liberalização da política comercial que é interrompida pela II Guerra Mundial.

Depois do término da guerra há uma tentativa de redução de controles e restrições ao comércio mundial e de dar estabilidade jurídica aos acordos do Gatt. Paralelamente, principalmente na década de 50, várias disposições de natureza restrita são adotadas, visando proteger setores internos e combater medidas comerciais de outras nações.

O aumento da competitividade da Europa e Japão, mais as necessidades de divisas dos países em desenvolvimento, levam os Estados Unidos a praticarem uma política de comércio internacional de caráter fortemente protecionista.

Quanto a política agrícola norte americana, o objetivo está na sustentação da renda do setor através de mecanismo de sustentação de preços e subsídios direto ao produtor. Essa política engloba também programas de estímulo às exportações

através de financiamento concedidos aos importadores, e de subsídios diretos a exportação.

A orientação dessa política mudou a partir da década de 70, dando um maior privilégio ao mercado. Os motivos da mudança foram os altos custos e a baixa competitividade dos produtos agrícolas norte americanos no mercado mundial, em decorrência dos mecanismos de sustentação de preços que os mantinham elevados artificialmente.

Essa reorientação da política agrícola norte americana ainda não diminuiu o alto grau de proteção dado a este setor, o que acarreta efeitos negativos sobre os preços internacionais, prejudicando os países exportadores. Outro problema enfrentado por esses países é a tentativa de os Estados Unidos aumentarem sua participação no mercado mundial de produtos agrícolas.

Os Estados Unidos têm uma grande importância para as exportações brasileiras, sendo que atualmente o Brasil vem tentando reduzir o peso dos E.U.A. como principal mercado para produtos brasileiros (vide tabela 6 a seguir).

Atualmente a política agrícola norte americana beneficia os países exportadores quando estes têm disponibilidade de insumos baratos que possibilitam a competição com os produtos subsidiados americanos dentro do seu próprio mercado.

Este é o caso da carne bovina brasileira que tem um baixo preço no mercado mundial. Outro ponto a ressaltar é que os Estados Unidos são os maiores produtores mundiais de carne bovina e, também, os maiores consumidores mundiais, e são obrigados a importar para atender a demanda interna, principalmente carne industrializada ("corned beef").

Muitos produtos brasileiros (tanto industrializados como primários) são afetados pelas restrições norte americanas e, portanto, uma política agrícola mais flexível iria beneficiar o Brasil aumentando as exportações a nível de quantidade e, possivelmente, a nível de preços (vide tabela 7 a seguir).

3.2 - PROTECIONISMO NA COMUNIDADE ECONÓMICA EUROPÉIA (CEE)

O tratado de Roma (1957) obrigou os países membros da CEE a conciliar interesses nacionais. Isto foi particularmente importante no setor agropecuário. Para

efetuar uma política agrícola comum foram lançados impostos móveis sobre as importações e através do Fundo Europeu de Orientação e Garantia Agrícola foram feitas intervenções nos mercados internos, e incentivou-se as exportações através de subsídios.

Essa regulamentação agrícola causou um progressivo aumento do grau de autosuficiência agropecuária da CEE. Podemos notar isso pela tabela 8,a seguir.

Esta autosuficiência vem provocando uma queda no volume das suas importações de produtos agropecuários, especialmente carne bovina, causando um impacto negativo no volume do comércio mundial, e na estabilidade dos preços internacionais.

Além da autosuficiência, a política agrícola da CEE tem como objetivo, garantir a renda dos produtos agrícolas através de um mecanismo de sustentação de preços de forma a sustentar e estabilizar o mercado interno. Isso faz com que os preços internos da carne bovina sejam muito superiores aos preços internacionais. Para garantir a competitividade da carne bovina no comércio mundial, é garantido aos exportadores pesados subsídios.

A CEE é o principal mercado para a carne bovina brasileira (19% das exportações brasileiras do produto em 1983). Isso mostra que o produto nacional é bem aceito no mercado interno da CEE, devido a sua boa qualidade e baixo preço, fazendo parte da cota Hilton que é um atestado de qualidade e permite a exportação de carnes nobres com isenção tarifária.

Ao que tudo indica o protecionismo da CEE não afetou o Brasil com a mesma gravidade com que afetou outros países. Os produtos brasileiros que são afetados pela política agrícola da CEE são: açúcar, frutas e vegetais.

Apesar da carne bovina não estar incluída nos produtos citados acima, uma maior flexibilidade da política agrícola da CEE beneficiaria as exportações de carne bovina tanto a nível de quantidade como a nível de preço.

TABELA 6

BRASIL : EXPORTAÇÕES EMBARCADAS PARA OS E.U.A. EM RELAÇÃO AO TOTAL DAS EXPORTAÇÕES

ANO	71	75	80	81	82	83
TOTAL	24.8	14.9	17.1	17.3	19.7	22.8
PRODUTOS AGRÍCOLAS E AGROPECUÁRIOS	31.4	13.1	20.0	16.7	19.1	18.0
CACAU	40.7	39.9	40.2	41.0	40.4	29.4
SUCO DE LARANJA	33.1	11.3	19.7	40.7	57.2	46.4

FONTE : USDA

TABELA 7

PROPORÇÕES DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS AFETADAS PELAS RESTRIÇÕES ÀS IMPORTAÇÕES
DETERMINADAS PELOS E.U.A. (1984)

EXPORTAÇÕES EM 1982

	TOTAL (Em milhões de U\$\$)	TOTAL RELATIVO A RESTRIÇÕES (Em 1.000 U\$\$)	% DO TOTAL EXPORTADO
TOTAL	3.980,3	1.108,8	27,9
PRODUTOS PRIMÁRIOS	1.187,9	167,5	14,1
PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS	2.792,4	941,3	33,7
PRODUTOS PRIMÁRIOS	4.989,7	1.575,3	31,6
PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS	996,1	208,7	21,0

Fonte : Cepal

TABELA 8

ÍNDICE DE AUTO-SUFICIÊNCIA PARA ALGUNS PRODUTORES AGROPECUÁRIOS (PRODUÇÃO DA
CEE EXPRESSA COMO PORCENTAGEM DO CONSUMO)

	1970	1974	1978	1980	AUMENTO 1970-1980
CEREAIS	91	91	92	98	+ 8
AÇÚCAR	110	92	123	125	+ 2
MANTEIGA	107	93	118	120	+13
QUEIJO	101	101	104	104	+ 6
CARNE	97	98	95	99	+ 2

FONTE : EUROSTAT

4 - ESTIMATIVA DA INDÚSTRIA

4.1 - BREVE HISTÓRICO

O parque industrial frigorífico surgiu no Brasil por ocasião da 1ª Guerra Mundial, dedicando-se a abastecer o mercado europeu. Nesta época, as empresas atuantes no setor eram transacionais destacando-se: Anglo, Swift, Armam e Wilson.

A partir de então, os frigoríficos transacionais dominam o mercado, pois eram tecnologicamente mais avançados, com um alto grau de aproveitamento de subprodutos, além de grande variedade. Essas empresas comandaram técnica e economicamente o setor, comercializando o produto a nível interno e externo, dando um caráter oligopolista ao mercado.

Em contrapartida aos frigoríficos transacionais, existiam matadouros com capital predominantemente nacional, pouco diversificado na sua estrutura técnica econômica, com baixo nível de aproveitamento das carnes e subprodutos e, péssimas condições de higiene. Ao contrário dos frigoríficos, tinham alcance local, comercializando carnes frescas sem inspeção sanitária.

No período do milagre (1968-1973), o setor passa por um processo de modernização extremamente rápido, que visava fornecer instrumentos que adequassem o parque produtivo nacional as rigorosas normas técnicas sanitárias do mercado externo. Isso só foi possível graças aos subsídios e aos incentivos concedidos pelo Estado. Foi, portanto, o mercado externo mais o Estado que atuaram como agentes das transformações do complexo agroindustrial de carnes.

Como consequência dessa modernização temos um aumento na taxa de produção de carne e sem aumento das exportações (o chamado salto exportador de 1974). Mas esses movimentos esbarraram na rigidez da estrutura da produção primária, causando uma diminuição do rebanho nacional, e uma elevação do preço da carne bovina estimulando o ingresso de outras carnes no mercado, principalmente aves.

Esses fatos fragilizaram as empresas transacionais, pois atuavam numa fase intermediária do processo produtivo, ou seja, compraram gado destinado a alimentar suas unidades industriais, comercializando o produto a nível interno e externo; além disso suas produções eram baseadas na carne bovina que tinha um valor mais elevado em comparação com outras carnes. Outro agravante da situação

era o rígido esquema de intervenção estatal no setor, controlando preços e formando estoques reguladores.

Empresas e grupos nacionais aproveitaram essa fragilização das transacionais, comprando ou associando-se a estas empresas, a ponto de, no final dos anos 70 (a partir de 1976), a maioria delas terem vendido seus patrimônios ou se associaram a empresas de capital predominantemente nacional.

4.2 - PANORAMA DO SETOR DE CARNES FRIGORIFICADAS

As empresas atuantes nesse setor estão localizadas, principalmente, nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste; onde os maiores rebanhos (bovinos, suínos, frangos, etc.), o maior mercado consumidor, os principais fornecedores de insumos e os principais portos para exportação. Essa concentração geográfica se explica, pela estreita inter-relação entre pecuária leiteira, de corte, avicultura, suinocultura, produção de milho e indústria de rações.

O ponto de estrangulamento das empresas que atuam no setor é a matéria-prima, pois a oferta é rígida e os movimentos do mercado mundial causam variações muito bruscas nos preços internos. É por isso que as grandes empresas procuram se verticalizar, produzindo o animal, abatendo, industrializando, exportando ou vendendo no mercado interno. Além disso a matéria-prima é o fator de produção de maior peso no custo, entre 70 e 85% das despesas totais, em seguida vêm as despesas financeiras, tributárias e salariais.

Outro motivo para a verticalização é o grande valor incorporado da matéria-prima, além de permitir a padronização do produto e regularidade de seu fornecimento o que é muito importante quando a empresa atua no mercado externo.

As empresas procuram diversificar produtos (filés de frango, hamburguers, enlatados em geral, etc.) atuando em diferentes segmentos de mercado, pois as inovações no setor são pouco frequentes. O último grande impacto das inovações foi durante o milagre (1968-1973), onde modernizou-se o sistema de abate, de congelamento de preparação da carne, e o material e o sistema de embalagens.

Essas características são reflexos das políticas estatais modernizadoras que tinham como meta, como já dissemos no item anterior, adequar as condições de produção aos exigentes padrões técnico sanitários do mercado externo, composto prin

principalmente por países desenvolvidos. Isto se traduziu, na prática, a uma internacionalização dos padrões técnicos sanitários brasileiros, e num novo modo de produzir carne no país.

A centralização da inspeção da carne a nível federal, efetivada através da Lei 5.670/71, foi fundamental na mudança dos padrões técnicos sanitários, obrigando as empresas a se adequarem tecnologicamente para continuar operando no setor.

As empresas tiveram que dispor de um nível de tecnologia mais avançado para atender as exigências colocadas, demandando um maior montante de investimentos. Surgiram, então, fábricas modernas e superdimensionadas, que varreram as pequenas e médias empresas do mercado.

Com base nos fatos descritos acima, podemos concluir que houve uma concentração do setor, apesar dos dados disponíveis não permitirem uma afirmativa categórica. Isto porque os dados abrangem todo tipo de carne e as informações não são confiáveis.

A revista Exame, na edição especial de Maiores e Melhores, mostra que em 1975, só aparecia uma empresa do subsetor de carnes frigorificadas no grupo das dez melhores do setor de alimento (a indústria de alimentos engloba o subsetor de carnes frigorificadas). Em 1980 esse número subiu para três e em 1985 para quatro (vide quadro 1).

A edição especial da revista Visão, Quem é Quem, mostrara que em 1975 existiam sessenta e duas empresas atuando no setor de carnes frigorificadas, sendo que cinquenta e oito eram empresas nacionais (93,5% do Patrimônio Líquido do setor) três transacionais (4,8% do Patrimônio Líquido do setor) e uma estatal (1,7% do Patrimônio Líquido do setor).

Em 1980 existiam cento e uma empresas, sendo que noventa e seis empresas nacionais (93,4% do Patrimônio Líquido do setor), duas estrangeiras (5,6% do Patrimônio Líquido do setor) e três estatais (1% do Patrimônio Líquido do setor). Em 1985 existiam cento e dezessete empresas, sendo cento e nove nacionais (96,2% do Patrimônio Líquido do setor), seis estatais (1,0% do P. Líquido do setor) e duas estrangeiras (2,8% do Patrimônio Líquido do setor).

A presença de empresas estatais significa a retração do capital de pequeno porte, pois segundo Muller⁽¹⁾ (1982) "nos setores agroalimentares a intervenção es

tatal na esfera de produção não possui o mesmo caráter que apresenta ao peneo ao tempo em que procura repassar os ativos para a propriedade privada."

Portanto, as políticas estatais modernizadoras que atingiram o setor a partir do milagre, causaram a internacionalização do modo de produzir a carne no país, o que exigiu montantes cada vez maiores de investimentos e uma estrutura produtiva moderna e eficiente que atendesse as exigências do mercado externo. Somente empresas que fossem capazes de atender essas exigências e fazer os investimentos necessários é que se manteriam no mercado, tanto a nível interno como a nível externo.

O Estado juntamente com o setor externo, foram os responsáveis pela modernização do setor e, conseqüentemente, pela concentração de capitais que se seguiu.

(1) Geraldo Muller. Empresas transacionais e pecuária de carnes no Brasil, p.36.

QUADRO 1

AS DEZ MELHORES DO SETOR DE ALIMENTOS, SEGUNDO MAIORES E MELHORES (REVISTA EXAME)

EMPRESA (RENTABILIDADE EM %)	1975
1 - Joanes	49,7
2 - Paoletti	46,8
3 - Olvebra	46,6
4 - Adria	41,4
5 - Mogiana de Óleos Vegetais	39,9
6 - Frigobrás (Frigorífico)	39,5
7 - Samiring	36,6
8 - Industrial Agrícola de S.P.	36,0
9 - Socil	35,7
10- Óleos Pacaembu	35,5

EMPRESA (DESEMPENHO GLOBAL - SOMA DOS PONTOS DOS SEIS INDICADORES) 1980⁽¹⁾

1 - Laticínios São Paulo	35
2 - Nestlé	31
3 - Sadia Concordia (Frigorífico)	29
4 - Ceval	28
5 - Cutrale	27
6 - União	25
7 - Anglo (Frigorífico)	23
8 - Samiring	23
9 - Matarazzo	20
10. Frigobrás (Frigorífico)	17

EMPRESA	1985
1 - Samiring	33
2 - Nestlé	30
3 - Anglo (Frigorífico)	29
4 - Frigobrás	29
5 - Ceval	26
6 - Olvebra	25
7 - Cargil	24
8 - Sadia Concordia (Frigorífico)	24
9 - Bordon (frigorífico)	19
10- Óleos Brasil	19

FONTE: Maiores e Melhores. Revista Exame.

(1) A partir de 1980, o critério de avaliação das maiores e melhores mudou; passando a medir o desempenho global das empresas ou invés da rentabilidade.

. CONCLUSÃO

O Brasil conseguiu conquistar uma posição de destaque no Mercado Mundial de Carne Bovina, competindo com Austrália, Argentina, Uruguai, etc..

Esta conquista começou a nível interno, com as políticas estatais modernizadoras do setor, que permitiram o avanço ao mercado internacional, adequando os padrões técnicos e sanitários brasileiros aos padrões exigidos pelo mercado internacional.

Aliados ao processo de modernização, o baixo preço da carne bovina brasileira no mercado internacional, mais as políticas de incentivos à exportação, facilitaram a penetração do Brasil nesse mercado, permitindo que o país se tornasse, a partir da década de 80, um dos maiores exportadores mundiais de carne bovina.

Portanto, o processo de modernização do setor foi fundamental para a conquista do mercado externo. Sendo que esse processo se enquadrava num contexto mais amplo, isto é, a modernização e a internacionalização da economia brasileira como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, José R.M.. Desenvolvimento da agricultura e exportação de produtos primários não tradicionais. São Paulo. VSP. 1974..
- BRASIL. Banco do Brasil. Cacex. Comércio Exterior. s/1.1975 - 1980 - 1985..
- CARNE bovina e fatia do Brasil. Revista Cacex. São Paulo, 20 (1087): 4-9, dez. 1988..
- DOLLINGER, Carlos Van. Exportação de produtos primários não tradicionais: milho, soja, carnes, produtos de madeira, derivados de cacau, alimentos processados. Rio de Janeiro. INPE/IPEA. 1971..
- DOLLINGER, Carlos Van. Exportações dinâmicas brasileiras: Rio de Janeiro. INPE/IPEA, 1971..
- INSTITUTO de Economia Agrícola. Prognóstico diversos números. São Paulo. Secretaria da Agricultura. 1975 - 1980 - 1985..
- MELHORES e Maiores. Exame. São Paulo. Diversos números, 1976.1981 e 1986.
- MULLER, Geraldo. A estrutura e dinâmica do complexo agroindustrial brasileira. S.P., USP. Tese de Doutorado, 1981..
- MULLER, Geraldo. Empresas transacionais e pecuária de carnes no Brasil. Núcleo de Pesquisa e Publicações, 1982..
- MONTEIRO, Márcio B.C.. A política agrícola comum da CEE e seus efeitos sobre as importações e exportações brasileiras. Tese de Mestrado. PUC/RJ.1988.161 p..
- NEVES, Renato Bauman. Composição das exportações brasileiras e estabilidade da receita das exportações. In: Revista do IPEA, Rio de Janeiro. IBGE. 1984. Volume 14, nº 3, p. 659-689..
- ONU. FAO. Internacional trade statistics yearbook, s/1. 1975 - 1985..
- PIRES, Eduardo e Feijó, Luis Fernando. Abate de animais e conservas da carne, Campinas, Convênio Unicamp/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / Departamento de Economia e Planejamento Econômico. 1984

POFFO, Oswaldo e outros. A geração de tecnologia pelo setor privado na agroindústria, Campinas. Instituto de Economia. 1985..

QUEM é Quem. Visão. São Paulo. Diversos números. 1976, 1981 e 1986.

REVISTA conjuntura econômica. São Paulo. Diversos números..